

as mulheres sem títulos, eram objeto de escárnio, os doentes eram atirados aos despenhadeiros da imundície e os fracos e os velhos eram condenados à morte sem comise-
ração.

Aparece Jesus, porém, e a paisagem social se modi-
fica.

O povo começa a envergonhar-se de encaminhar os enfermos ao lixo, de decepar as mãos dos prisioneiros, de vender mães escravas, de cegar os cativos utilizados nos trabalhos de rotina doméstica, de martirizar anciãos e zombar dos humildes e dos tristes.

Um novo mundo começa...

Ao influxo do Divino Mestre, o homem passa a enxer-
gar os outros homens.

O lar, a maternidade, o berçário, a escola, o hospital, o asilo, são recintos sagrados e um novo gênio de luz er-
gue-se muito acima daqueles que se faziam respeitar pe-
la espada, pelo sangue, pela sagacidade e pela força, pa-
ra governar as almas na Terra.

Sem palácio e sem trono, sem coroa e sem títulos, o gênio da Fraternidade penetrou o mundo pelas mãos do Cristo, e, sublime e humilde, continua, entre nós, em silên-
cio, na divina construção do Reino do Senhor.



SERVIÇO

*"... Trabalhando para não
sermos pesados a nenhum
de vós." — Paulo.*

(Tessalonicenses, 3:8.)

Antes de Jesus, o serviço, sem
dúvida, constituía abjeção ou mise-
rabilidade.

Excetuadas as lides da guerra e
as preocupações da governança que
representavam o trabalho honroso da
habilidade e da inteligência, qual-
quer gênero de atividade era consi-
derado esforço inferior que deveria
ser relegado aos homens cativos.

O serviço-punição estava em to-
da parte.

Escravos nas letras.

Escravos no ensino.

Escravos na rotina doméstica.

Escravos nos espetáculos.

Escravos no mar.

Escravos no solo.

Onde estivesse alguém ajudan-
do ao próximo, no uso respeitável
dos braços, aí se achava um cora-



ção jungido à vontade despótica do senhor, sem qualquer direito à própria vida.

Com Jesus, porém, o trabalho começa a receber o apreço que lhe é devido.

O Mestre inicia o apostolado numa carpintaria singela. Em seguida, é o médico dos desamparados, sem honorários; é o enfermeiro dos aflitos, sem renumeração; o educador ativo, sem recompensa... E, por fim, consagrando o concurso fraterno na máxima expressão, lava os pés aos discípulos, qual se fora deles o escravo e não o orientador.

Desde então, a Terra se renova. Cada cristão abastado ou menos favorecido procura a posição que lhe cabe a fim de agir e ser útil.

Materializando o ensino do Senhor, Paulo de Tarso consome-se de fadiga, no trabalho incessante, a fim de auxiliar a todos, sem ser pesado a ninguém. E, de século a século, sob a inspiração do Amigo Celestial, o serviço é motivo de honra e merecimento, em plano cada vez mais alto, até que o homem aprenda por si mesmo a divina lição que indica por maior aquele que se fizer o servo de todos eles.



NA DIFUSÃO DO ESPIRITISMO

*"E eu rogarei ao Pai e Ele
vos dará outro Consolador,
para que fique convosco pa-
ra sempre." — Jesus.*

(João, 14:16.)

Na condição daquele Consolador prometido por Jesus à Humanidade, o Espiritismo, sem dúvida, atingirá todas as consciências.

Entretanto, à frente das múltiplas interpretações que se lhe imprimem nos mais variados núcleos humanos, de que modo esperar o cumprimento da promessa do Cristo?

Nesse sentido, recordemos os primórdios da Codificação Kardequiana. Preocupado com o mesmo assunto, Allan Kardec formulou a Questão n.º 798, de "O Livro dos Espíritos", à qual os seus Instrutores Espirituais, solícitos, responderam:

"Certamente que o Espiritismo se tornará crença geral e marcará nova era na história da Humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá,

